

Alfabeto Grego: Breve Histórico

Edson de Faria Francisco
www.bibliahebraica.com.br
abril de 2020

a. Introdução

Durante o período bíblico foram utilizados alguns sistemas alfabéticos para representarem os fonemas da língua grega. Como os gregos mantinham contatos constantes com os povos do antigo Oriente Médio, acabaram por adotar e/ou adaptar um dos antigos sistemas alfabéticos que foram desenvolvidos e utilizados pelos povos da região. Basicamente, o alfabeto grego era uma adaptação de um abecedário já existente (cf. abaixo) que era usado pelos povos que falavam alguma língua semítica, como, por exemplo, os fenícios. Este tópico tratará de alguns aspectos históricos do sistema alfabético utilizado pelo povo da Grécia durante a época bíblica.

b. Inscrições alfabéticas e alfabeto fenício

De acordo com os estudiosos, os povos semitas começaram a desenvolver sistemas alfabéticos desde o início do segundo milênio AEC e tais métodos foram aprimorados com o passar do tempo, acabando por influenciar outros abecedários mais recentes, como o grego (cf. abaixo), entre outros. Antes da criação de um sistema alfabético, existiram outros esquemas de escrita, como cuneiforme na Mesopotâmia e hieroglífico no Egito.

Em Ugarite, a atual Ras Shamra, na região norte da Síria, próxima a Lattaquié, foram encontradas tabuletas datadas, aproximadamente, de 1400 AEC com inscrições cuneiformes contendo 27 caracteres consonantais, o que comprova a existência de escrita alfabética. Por convenção entre os eruditos, tal abecedário é denominado fenício, povo que ocupou a região entre o século 16 AEC e o 1º século AEC. Várias inscrições que apresentam um sistema alfabético são atestadas: as inscrições protosinaíticas (c. 1500 AEC), o óstraco abecedário de Izbet Sartah (c. 1000 AEC), o calendário agrícola de Gezer (c. 950 AEC), a inscrição da pedra moabita do rei Mesa (c. 840 AEC), os óstracos de Siquém (c. 700 AEC), o papiro Murabba'at 17 (c. 700 AEC), as inscrições do túnel de Siloé, em Jerusalém (c. 700 AEC), o óstraco de Mesad Haschabiah (c. 600 AEC), o óstraco de Laquis (c. 588 AEC) e o óstraco de Arad (c. 500 AEC). A inscrição no sarcófago do rei Airam, em Biblos (c. 1000 AEC), é uma das mais antigas que atestam a utilização do sistema alfabético consonantal de proveniência fenícia.

Inicialmente, o alfabeto consonântico de procedência fenícia continha 27 letras, porém, até o século 13 AEC, tal método alfabético passou a adotar 22 letras. Um século mais tarde, em tal sistema de comunicação, a direção da escrita foi padronizada da direita para a esquerda, possivelmente em virtude da influência da escrita hierática egípcia. Entre os séculos 12 AEC e 11 AEC, surgiu o alfabeto paleo-hebraico, que era uma adaptação do abecedário fenício, sendo utilizado pelos israelitas em sua comunicação escrita.

c. Alfabeto grego

Entre 1500 e 1200 AEC, na Grécia, os micênicos adaptaram um sistema silábico de origem minóica, conhecido como Linear B, para escreverem uma forma precoce do grego. Todavia, tal silabário acabou sendo inadequado para se escrever o idioma. Consequentemente, os gregos perceberam que um sistema alfabético permitiria um registro mais preciso de todos os fonemas da língua grega.

Provavelmente entre o século 11 AEC e o 9º século AEC os gregos teriam adaptado o seu próprio alfabeto, tendo como base o abecedário de procedência fenícia. Não é sabido em qual local teria se dado o empréstimo de escrita, porém, alguns estudiosos sugerem que teria sido em um dos seguintes lugares: Beócia, Creta, Chipre ou Ásia Menor. Sobre a origem fenícia do alfabeto grego, Heródoto o denomina φοινικῆια γράμματα (gr. letras fenícias).

Os gregos fizeram várias modificações e adaptações que refletiam a sua variada realidade linguística. Quando o alfabeto fenício foi adotado pelos gregos entre o século 11 AEC e o 9º século AEC a direção da escrita era da direita para a esquerda, conforme as línguas semíticas. A direção mudava de linha para linha, como um zigue-zague e a forma da letra também variava conforme a direção da escrita de cada linha. Além disso, as palavras não eram separadas. Este sistema muito antigo de escrita é denominado *boustrophedon*. Posteriormente, os gregos padronizaram a direção da escrita: da esquerda para a direita, ao contrário dos semitas que escreviam da direita para a esquerda. Como não havia algumas correspondências com a fonética grega, os gregos fizeram algumas adaptações de letras de origem semita para o seu próprio. Algumas consoantes do alfabeto fenício passaram a ser utilizadas para representarem fonemas vocálicos do idioma grego: *’álep-álfha* = a, *hē²-épsilón* = e, *wāw-úpsilón* = w, *hêt-êta* = e, *yôd-iôta* = y e *’áyin-òmikrón* = o. Além dessas seis letras adaptadas, posteriormente os gregos acrescentaram cinco letras novas, principalmente no final do alfabeto, para representarem fonemas que não existiam no abecedário de origem semita: *káppa*, *úpsilón*, *phî*, *psî* e *ôméga*.

O alfabeto grego, contendo os acréscimos e as adaptações fonéticas que foram descritos acima, acabaram influenciando o alfabeto latino, via o alfabeto etrusco (cf. abaixo). Uma forma modificada do abecedário grego foi desenvolvida a partir do 2º século AEC para registrar o copta, no Egito, se tornando o alfabeto copta. Outra forma foi desenvolvida no leste europeu no 9º século EC para registrar determinadas línguas eslavas, como búlgaro, macedônio, russo, bielorrusso, sérvio e ucraniano, se tornando o alfabeto cirílico. Além disso, o alfabeto grego exerceu variados graus de influência na elaboração de outros abecedários, como o glagolítico, o armênio e o georgiano.

A origem semita do alfabeto grego fica comprovada em virtude da semelhança de forma, valor fonético e sequência das letras entre os abecedários grego e fenício. Os nomes dos caracteres no alfabeto grego não possuem significado nenhum em grego, porém, os mesmos nomes correspondem nas línguas semíticas a vocábulos bem conhecidos e relacionados com as letras correspondentes, como, por exemplo as quatro primeiras letras do alfabeto hebraico, que é também de proveniência fenícia: *’álep* (אָלֶפֶת, *boi*), *bêt* (בֵּית, *casa*), *gîmel* (גִּמֶל, *camelo*) e *dálet* (דָּלֶת, *porta*). Os nomes das quatro primeiras letras do abecedário grego, *álfha*, *bêta*, *gámma* e *délta*, possuem semelhança fonética com os correspondentes semíticos, todavia, não possuem significação nenhuma em grego.¹

O abecedário grego arcaico possuía algumas variações e cada variação era adotada por um dialeto grego local. As formas do antigo alfabeto grego eram as seguintes: jônico, ateniense, coríntio, argivo, cretense e eubeiano. A quantidade de letras nas diversas formas alfabéticas do grego diversificava de 23 a 27 caracteres: jônico: 27; ateniense: 23; coríntio: 25; argivo: 26; cretense: 22 e eubeiano: 25. Os seguintes caracteres não constavam em algumas variantes: a letra *xí* não constava na variante ateniense; o caractere *sigma* não constava nas variantes coríntia e cretense; as letras *phî* e *khî* não constavam na variante cretense; o caractere *psî* não constava nas variantes ateniense, cretense e eubeiana e a letra *ôméga* não constava nas variantes ateniense, coríntia, argiva, cretense e eubeiana (cf. tabela abaixo). Os quatro caracteres que caíram em desuso, *dígamma* ou *vaû*, *sán*, *qóppa* e *sampí*, constavam em algumas variantes alfabéticas: a letra *dígamma* constava em todas as variantes; o caractere *sán* constava nas variantes coríntia, argiva, cretense e eubeiana; a letra *qóppa* constava em todas as variantes e o caractere *sampí* constava apenas na variante jônica. Essas quatro letras gregas arcaicas desapareceram entre o 6º e o 5º séculos AEC, antes do surgimento da época helenística (4º séc. AEC), quando se desenvolveu o dialeto *coinê*. Três dentre os quatro sinais gráficos gregos antigos possuem valores numéricos ainda hoje: *dígamma*: 6, *qóppa*: 90 e *sampí*: 900.

Por volta do 4º século AEC, a variante alfabética do dialeto jônico substituiu todos os demais abecedários gregos locais, se tornando o alfabeto grego clássico, sendo constituído por 24 caracteres. Anteriormente, tal variante alfabética grega possuía 27 caracteres, incluindo as três letras arcaicas *dígamma*, *qóppa* e *sampí* (cf. abaixo). Todavia, antes que tal fato viesse a acontecer, por volta do 7º século

¹ As quatro palavras gregas que correspondem aos quatro vocábulos hebraicos são as seguintes: βούς (*boi*), οἰκία (*casa*), κάμηλος (*camelo*) e θύρα (*porta*).

AEC, a variante alfabética do dialeto eubeiano, com 25 caracteres, foi levada para Cumas, uma colônia grega no sul da Itália (região conhecida como Magna Grécia). Posteriormente, tal abecedário grego de Eubeia, na Grécia, via Cumas, foi levado para a Etrúria, na região norte da Itália e, mais tarde, para os romanos, na região central da Itália. Daí tal variante alfabética grega, que foi adotada pelos etruscos, serviu de base, posteriormente, para o desenvolvimento do alfabeto latino (cf. abaixo).

Abaixo, há uma tabela contendo as variantes jônica, ateniense, coríntia, argiva, cretense e eubeiana do antigo alfabeto grego, com os nomes e a possível pronúncia que cada letra teve na Antiguidade. O formato dos caracteres obedece às formas gráficas já padronizadas do atual alfabeto grego. Na presente tabela, o desenho gráfico das letras não é calcado no formato gráfico arcaico que as mesmas tiveram na Antiguidade.

nome	jônico	ateniense	coríntio	argivo	cretense	eubeiano	pronúncia
<i>álpha</i>	A	A	A	A	A	A	<i>a</i>
<i>bêta</i>	B	B	B	B	B	B	<i>b</i>
<i>gámma</i>	Γ	Γ	Γ	Γ	Γ	Γ	<i>g</i>
<i>délta</i>	Δ	Δ	Δ	Δ	Δ	Δ	<i>d</i>
<i>èpsilón</i>	E	E	E	E	E	E	<i>e</i>
<i>dígama</i>	F	F	F	F	F	F	<i>v</i>
<i>dzêta</i>	Z	Z	Z	Z	Z	Z	<i>dz</i>
<i>êta</i>	H	H	H	H	H	H	<i>ē</i>
<i>thêta</i>	Θ	Θ	Θ	Θ	Θ	Θ	<i>th</i>
<i>iôta</i>	I	I	I	I	I	I	<i>i</i>
<i>káppa</i>	K	K	K	K	K	K	<i>k</i>
<i>lâmbda</i>	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	Λ	<i>l</i>
<i>mû</i>	M	M	M	M	M	M	<i>m</i>
<i>nû</i>	N	N	N	N	N	N	<i>n</i>
<i>xî</i>	Ξ	--	Ξ	Ξ	Ξ	Ξ	<i>x</i>
<i>òmicrón</i>	O	O	O	O	O	O	<i>o</i>
<i>pî</i>	Π	Π	Π	Π	Π	Π	<i>p</i>
<i>sán</i>	--	--	M	M	M	M	<i>s</i>
<i>qóppa</i>	Q	Q	Q	Q	Q	Q	<i>q</i>
<i>rhô</i>	P	P	P	P	P	P	<i>r</i>
<i>σίγμα</i>	Σ	Σ	--	Σ	--	Σ	<i>s</i>
<i>taû</i>	T	T	T	T	T	T	<i>t</i>
<i>ûpsilón</i>	Υ	Υ	Υ	Υ	Υ	Υ	<i>ü</i>
<i>phî</i>	Φ	Φ	Φ	Φ	--	Φ	<i>ph</i>
<i>khî</i>	X	X	X	X	--	X	<i>kh</i>
<i>psî</i>	Ψ	--	Ψ	Ψ	--	--	<i>ps</i>
<i>ôméga</i>	Ω	--	--	--	--	--	<i>ō</i>
<i>sampí</i>	Ϝ	--	--	--	--	--	<i>sp</i>
total de	27	23	25	26	22	25	
letras	letras	letras	letras	letras	letras	letras	

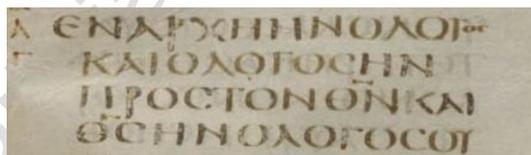
d. Escrita maiúscula

Durante os primeiros oito séculos da história do cristianismo, o texto do Novo Testamento grego era composto com escrita maiúscula (lat. *majusculus*, um tanto maior, de tamanho maior) (que alguns

eruditos denominam de escrita uncial [lat. *uncia*, a duodécima parte de um todo)]², sem espaços entre as palavras, frases e parágrafos, sem acentuação, sem aspiração e a pontuação era mínima ou nenhuma (cf. ilustração abaixo). Esta forma de escrita é denominada *scriptio continua* (lat. escrita contínua). Além disso, usava-se os *nomina sacra* (lat. nomes sacros), que eram abreviaturas para determinados nomes e vocábulos sagrados que ocorriam com muita frequência no texto bíblico grego, como Θεός (Θ̅C̅, Deus), Κύριος (Κ̅C̅, Senhor), Ἰησοῦς (Ι̅C̅, Jesus), Χριστός (Χ̅C̅, Cristo), Ἱερουσαλήμ (Ι̅ΛΗΜ, Jerusalém), σωτήρ (C̅Η̅P̅, salvador), σταυρός (C̅T̅C̅, cruz) etc. Por conseguinte, os textos eram muito difíceis de serem lidos e os leitores tinham muita dificuldade em determinar o início e o final de palavras, de frases e de parágrafos. Entre os manuscritos gregos do texto neotestamentário, em formato de códice (lat. *codex*, tabuinha de escrever, escrito, registro), que apresentam tal característica de escrita estão os códices Sinaítico (4º séc.), Vaticano (4º séc.), Alexandrino (5º séc.), reescrito de Éfrem, o sírio (5º séc.), Cottoniano (5º/6º séc.) e Marchaliano (6º séc.). Os códices redigidos com letras maiúsculas estiveram em uso entre os cristãos principalmente do 3º século até o 9º século. Contudo, tal tipo de manuscrito, mesmo sendo utilizado com menor frequência, circulou entre os cristãos até o século 12. Presume-se que os escritos originais do Novo Testamento grego foram todos escritos em caracteres gregos maiúsculos, sem espaços entre as palavras, frases e parágrafos, sem acentos, sem aspiração e sem pontuação.

Abaixo, consta uma transcrição diplomática de um texto bíblico com escrita maiúscula: João 1.1 no Códice Sinaítico.

Α ΕΝΑΡΧΗΗΝΟΛΟΓ^Ω
 ΚΑΙΟΛΟΓΟCΗΝ
 ΠΡΟCΤΟΝΘ̅Η̅ΚΑΙ
 Θ̅C̅ΗΝΟΛΟΓΟCΟΥ



Códice Sinaítico M.B. Add. 43725 (séc. 4). Texto: João 1.1-2; 12-13.

e. Escrita minúscula

Desde o 9º século até o século 15, o texto do Novo Testamento grego passou a ser composto com escrita minúscula (lat. *minusculus*, um tanto menor, bastante pequeno) (que alguns eruditos denominam de escrita cursiva [it. *corsivo*, executado sem esforço, ligeiro])³, com o uso sistemático e contínuo de espaços entre as palavras, frases e parágrafos, com acentuação, com aspiração e com pontuação (cf. ilustração abaixo). Além disso, continuava-se a usar os *nomina sacra* (lat. nomes sacros), como nos manuscritos compostos em letra maiúscula. Como tinha aumentado muito a procura de cópias do Novo Testamento grego, os escribas cristãos começaram a adotar a escrita minúscula. O manuscrito com tal forma de escrita exigia menos pergaminho do que o manuscrito maiúsculo, era mais barato, era menos volumoso, era mais fácil de se manusear, a produção era mais rápida e a escrita ocupava menos espaço. Consequentemente, o códice minúsculo podia ser adquirido por um número maior de pessoas. Contudo, o códice em escrita minúscula era de difícil leitura. Já no século 11, houve domínio absoluto da produção do códice

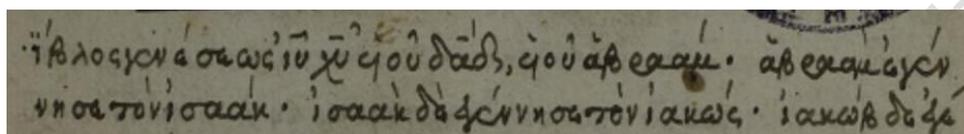
² Alguns estudiosos argumentam que a palavra *maiúsculo* seria mais adequada para designar a escrita em manuscritos redigidos em grego e o vocábulo *uncial* serviria para designar a escrita em manuscritos compostos em latim, cf. Paroschi, 2012, p. 23, n. 91.

³ Determinados eruditos comentam que o vocábulo *minúsculo* seria mais adequado para designar a escrita em textos formais e literários, desenvolvidos a partir da escrita maiúscula e a palavra *cursiva* serviria para designar a escrita em textos informais e não literários, cf. Paroschi, 2012, p. 24, n. 95.

contendo o Novo Testamento grego com escrita minúscula. Entre os manuscritos gregos do texto neotestamentário, em formato de códice, que apresentam tal característica de escrita estão os códices 33 (9º séc.), 81 (séc. 11), 788 (séc. 11), 1739 (séc. 10), 2053 (séc. 13) e 2492 (séc. 14). O Códice 461 é o manuscrito minúsculo mais antigo do Novo Testamento grego, tendo surgido em 835.

Abaixo, consta uma transcrição diplomática de um texto bíblico com escrita minúscula: Mateus 1.1-2 no Códice NLG 122.

·ἴ βλος γενέσεως ἰϋ χυ ἰοῦ δαδ, υἰοῦ ἀβραάμ· ἀβραάμ ἐγέν-
νησεν τὸν ἰσαάκ· ἰσαάκ δὲ γέννησεν τὸν ἰακώβ· ἰακώβ δὲ γέ



Códice NLG 122 (séc. 14). Texto: Mateus 1.1-5.

f. Pontuação

Os sinais de pontuação do texto grego do Novo Testamento começaram a surgir entre o 8º e o 9º séculos. No 8º século surgiu o ponto de interrogação (;) e no 9º século surgiu a vírgula (,). Antes de tais marcações, o texto bíblico grego não tinha separações entre palavras, frases e parágrafos. Tal forma de escrita é nominada *scriptio continua* (lat. escrita contínua). Tal sistema também era adotado em textos redigidos em latim, que primeiramente usou tal costume. De acordo com eruditos, Aristófanes de Bizâncio (c. 257-180 AEC), diretor da biblioteca de Alexandria, Egito, teria elaborado um sistema de pontuação, aspiração e acentuação para o texto grego. Contudo, a finalidade de tal método não era gramatical, mas era uma maneira de orientação de leitura de textos dramáticos compostos em grego. Na época da composição do Novo Testamento grego, o sistema já existia, mas era rudimentar. Os mais antigos manuscritos do texto grego neotestamentário, tanto confeccionados em papiro quanto produzidos em pergaminho, já mostram a utilização de sinais de pontuação, mesmo que tal uso tenha sido apenas esporádico.

g. Aspiração e acentuação.

Na antiga variante ateniense do alfabeto grego, a aspiração (o espírito áspero [´] e o espírito brando [ˊ]) de uma vogal era indicada, geralmente, por meio de metades da letra *êta* (H), mas em tamanho reduzido. As atuais formas arredondadas dos dois espíritos, surgiram apenas no século 11. Nos antigos manuscritos do texto bíblico grego, sinais de aspiração e de acentuação eram usados de maneira rara e esporádica até o 7º século. Por volta do 9º século, tais sinalizações foram utilizadas de maneira frequente, mas somente após o século 11 se tornaram de uso universal.

h. Pronúncia erasmiana (etacista) e moderna (iotacista)

Não se sabe com certeza absoluta de como teria sido a pronúncia do grego na época bíblica. Como em qualquer idioma, a pronúncia do grego variava de época para outra e de local para outro. Às vezes, a pronúncia era refletida também na escrita de determinado texto. Atualmente, o grego é a língua oficial falada na Grécia e em Chipre e é também a língua litúrgica da Igreja Ortodoxa Grega. A pronúncia moderna tem suas raízes no grego antigo, todavia, passou por um longo processo de evolução e de várias transformações.

A pronúncia erasmiana ou etacista (em virtude do som fechado da letra *êta*), que foi desenvolvida por Erasmo de Roterdã (1466-1536), é adotada pela maioria dos helenistas e filólogos. De acordo com tais estudiosos, a pronúncia erasmiana é, teoricamente, aquela que mais se aproximaria da pronúncia clássica do grego. Nessa prolação hipotética, há a predominância do padrão de som fechado

representado pelo caractere *êta*. Em tal sistema de pronúncia, as letras *êta* e *ôméga* teriam som fechado, como *ê* e *ô*, respectivamente.

A pronúncia moderna ou iotacista (em razão do som da letra *iôta*) foi desenvolvida desde o período do Renascimento (séc. 15 e 16). Nessa pronúncia, há o predomínio do som do caractere *iôta*. Alguns eruditos modernos acreditam que originalmente, no grego coínê, as letras *êta* e *ôméga* teriam soado com som aberto, como *é* e *ó*, respectivamente. Atualmente, em muitas escolas é ensinado que o som de tais caracteres deve ser fechado, soando como *ê* e *ô*, respectivamente. Johann Reuchlin (1455-1522) defendia a prolação iotacista para vários caracteres e ditongos, como η, ι, υ, ει, οι e υι, que teriam o mesmo som de *i*.

Como exemplo, abaixo há uma pequena tabela com a pronúncia entre o grego antigo (ático e coínê) e o grego moderno (demótico):

palavras	pronúncia antiga (ático e coínê)	pronúncia moderna (demótico)
Ἁγία Σοφία (gr. Santa Sabedoria)	<i>Hagía Sophía</i>	<i>Áya Sofía</i>
γυνή (gr. mulher)	<i>güné</i>	<i>giní</i>
ἐκκλησία (gr. igreja)	<i>ekklēsía</i>	<i>ekklisía</i>
εὐαγγέλιον (gr. evangelho)	<i>euangelíon</i>	<i>evangélion</i>
Παναγία (gr. Santíssima [a Virgem Maria])	<i>panagía</i>	<i>panayía</i>
προφήτης (gr. profeta)	<i>prophētēs</i>	<i>profitis</i>
ταῦτα (gr. estas coisas)	<i>taûta</i>	<i>tafta</i>

i. Apêndice 1: alfabeto latino

O alfabeto latino é uma derivação do abecedário etrusco, que tinha como base a variante eu-beiana do antigo alfabeto grego. Tanto os etruscos quanto os romanos fizeram várias adaptações e os formatos dos caracteres seguiram uma evolução própria. O abecedário latino arcaico tinha apenas 21 letras, tomadas como empréstimo dentre os 26 caracteres do alfabeto etrusco. Durante o 3º século AEC, a letra *zêta* (z) caiu em desuso por não representar nenhum fonema no latim. No 1º século AEC, os caracteres *ī graeca* (y) e *zêta* (z) foram readmitidos, sendo colocados no final do abecedário latino, para representarem determinados fonemas gregos. Por volta da metade do 1º século EC, a letra *ex* (x) foi a última letra a ser acolhida, fechando o abecedário latino. Abaixo, há uma tabela contendo os 23 sinais gráficos do antigo alfabeto latino com os nomes de cada um deles e a possível pronúncia que os mesmos tiveram na época do Império Romano, por volta do 1º século EC:

	letras	nome em latim	pronúncia
1	A a	<i>ā</i>	<i>a</i>
2	B b	<i>bē</i>	<i>b</i>
3	C c	<i>cē</i>	<i>k</i>
4	D d	<i>dē</i>	<i>d</i>
5	E e	<i>ē</i>	<i>e</i>
6	F f	<i>ef</i>	<i>f</i>
7	G g	<i>gē</i>	<i>g</i>
8	H h	<i>hā</i>	<i>h</i>
9	I i	<i>ī</i>	<i>i</i>
10	K k	<i>kā</i>	<i>k</i>
11	L l	<i>el</i>	<i>l</i>
12	M m	<i>em</i>	<i>m</i>
13	N n	<i>en</i>	<i>n</i>
14	O o	<i>ō</i>	<i>o</i>
15	P p	<i>pē</i>	<i>p</i>

16	Q q	qū	q
17	R r	er	r
18	S s	es	s
19	T t	tē	t
20	V v	ū	u
21	Y y	ī graeca	i
22	Z z	zēta	z
23	X x	ex	cs

Por fim, mais três caracteres foram acrescentados ao abecedário latino durante o período medieval, passando a ter 26 sinais gráficos: as letras *jota* (j), *u* (u) e *dábliu* (w). O caractere *j* surgiu para distinguir os sinais para a vogal *i* e a consoante *y*. A letra *u* surgiu para representar o fonema *u* e para distingui-lo da consoante *v*. Na língua inglesa, o caractere *w*, denominado *double-u* (ingl. u dobrado), é uma semivogal que representa um fonema entre a consoante *v* e a vogal *u*. No idioma alemão, a letra *w*, nominada *ve*, representa a consoante *v* e o caractere *v*, chamado *fau*, representa a consoante *f*. Os sinais gráficos *j* e *u* surgiram no início da Idade Média e o sinal gráfico *w* surgiu no século 11.

Abaixo, há o alfabeto etrusco contendo 26 letras com os nomes de cada uma delas e a possível pronúncia das mesmas.

	letras	nome em etrusco	pronúncia
1	𐌀	a	a
2	𐌁	be	b
3	𐌂	ke	k ou g
4	𐌃	de	d
5	𐌄	e	e
6	𐌅	ve	v
7	𐌆	ze	z
8	𐌇	he	h
9	𐌈	the	th
10	𐌉	i	i
11	𐌊	ka	k
12	𐌋	el	l
13	𐌌	em	m
14	𐌍	en	n
15	𐌎	esh	sh
16	𐌏	o	o
17	𐌐	pe	p
18	𐌑	she	ts
19	𐌒	ku	q
20	𐌓	er	r
21	𐌔	es	s
22	𐌕	te	t
23	𐌖	u	u
24	𐌗	eks	ks
25	𐌘	phe	ph
26	𐌙	khe	kh

j. Apêndice 2: quadro comparativo dos alfabetos grego, etrusco e latino

O quadro comparativo abaixo mostra os alfabetos grego, etrusco e latino. A posição das letras de um alfabeto corresponde, aproximadamente, à posição dos caracteres de outro alfabeto. Obs.: nesta tabela, foram incluídas as quatro letras arcaicas de algumas variantes do alfabeto grego: *dígamma*, *sán*, *qóppa* e *sampí*.

alfabeto grego	alfabeto etrusco	alfabeto latino	pronúncia
A	Α	A	a
B	Β	B	b
Γ	Γ	C/G	g
Δ	Δ	D	d
E	Ε	E	e
F	Ϝ	F	v
Z	Ζ	Z	dz
H	Η	H	ē
Θ	Θ	--	th
I	Ι	I	i
K	Κ	K	k
Λ	Λ	L	l
M	Μ	M	m
N	Ν	N	n
Ξ	Ξ	--	x
O	Ο	O	o
Π	Π	P	p
Μ	Μ	--	s
Q	Ϟ	Q	q
P	Ρ	R	r
Σ	Σ	S	s
T	Τ	T	t
Υ	Υ	V	ü
Φ	Φ	--	ph
X	Χ	--	kh
Ψ	Ψ	--	ps
Ω	--	--	ō
Ϻ	--	--	sp

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Napoleão M. de. *Gramática Latina: Curso Único e Completo*. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- AUVRAY, Paul. *L'hébreu biblique*. Connaître la Bible. Paris: Desclée De Brouwer, 1962.
- BAILLY, Anatole (ed.). *Le Grand Bailly - Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000.
- BÍBLIA: ASSOCIAÇÃO LAICAL DE CULTURA BÍBLICA. *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Coleção Bíblia e História. São Paulo: Paulinas, 2000.
- BORREGANA, António A. *Gramática Latina*. Lisboa: Lisboa Editora, 2006.
- BROTZMAN, Ellis R.; TULLY, Eric J. *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2016.
- “CENTRO: INFORMÁTICA E BÍBLIA” ABADIA DE MAREDSOUS (dir.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo-Santo André: Paulus-Paulinas-Loyola-Academia Cristã, 2013.
- DICIONARIOS ACADEMICOS: *Dicionário de Grego-Português-Português-Grego; Éllino-Portogáliko-Portogálo-Elliniko Leksikó*. Porto: Porto Editora, 2004.

- FREIRE, Antônio. *Gramática Grega*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KERR, Guilherme. *Gramática Elementar da Língua Hebraica*. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.
- KÜMMEL, Werner G. *Introdução ao Novo Testamento*. Nova Coleção Bíblica 13. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- LAWRENCE, Paul. *Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- LEMAIRE, André. “Escrita(s)”. In: “CENTRO: INFORMÁTICA E BÍBLIA” ABADIA DE MAREDSOUS (dir.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. São Paulo-Santo André: Paulus-Paulinas-Loyola-Academia Cristã, 2013, p. 460-464.
- MACKENZIE, John L. “Alfabeto”. In: Idem. *Dicionário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 22-24.
- MALZONI, Cláudio V. *25 Lições de Iniciação ao Grego do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.
- NAVEH, Joseph. *Origins of the Alphabets: Introduction to Archaeology*. Jerusalem: Palphot, s.d.
- PAROSCHI, Wilson. *Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8. ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.
- RICHARDS, John F. *Essentials of Latin: An Introductory Course – Using Selections from Latin Literature*. New York: Oxford University Press, 1958.
- RUCK, Carl A. P. *Ancient Greek: A New Approach*. 2. ed. Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, 1991.
- SCHALKWIJK, Francisco L. *Coinê: Pequena Gramática do Grego Neotestamentário*. 8 ed. Patrocínio: CEIBEL, 1998.
- SOARES, Esequias. *Gramática Prática de Grego*. São Paulo: Hagnos, 2011.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Página

www.ancientscripts.com/greek.

en.wikipedia.org/wiki/Archaic_Greek_alphabets#CITEREFJeffery1961.